

Beira 82 (conclusão)

N. 10/6/82

Batalha dos arrozais

por José Pinto de Sá, em Sofala

Nas ruas estreitas do centro da Beira sucedem-se anónimas lojas idênticas, esquecidas do termo na sombra das arcadas. A roupa a secar, na varanda sobranceira à rua, desenha nos arames coloridos gráficos estúpidos, desde as fraldas dos bebés às capulanas das senhoras, passando pelos uniformes azuis castanhos, sem esquecer os camuflados.

Concentrado em certas zonas da cidade, o circuito comercial distribui sem prioridade o pouco que tem para distribuir. Segundo fontes ligadas ao Conselho Executivo, a quota em alimentos, atribuída com base em dados estatísticos, «não tem conseguido responder cabalmente às necessidades da população».

A crescente actividade militar inimiga em Sofala e Manica tem provocado dificuldades no abastecimento à Beira, ao mesmo tempo que força os camponeses a abandonarem as suas machambas e a deslocarem-se para a cidade, aumentando o número de bocas a alimentar, com uma quota que não é elástica.

As acções inimigas, agravando a fraca operatividade da economia da província, impedem o cumprimento dos planos de desenvolvimento na sua generalidade, e colocam a Cidade da Beira diante da necessidade concreta de «contar com as próprias forças».

Habituada a abastecer-se de Manica, e dos distritos do interior de Sofala em batata, hortícolas, fruta ou milho, a cidade deve agora encontrar os meios de se alimentar sem constituir peso morto para o campo, a braços com sérios problemas.

Nesse sentido, as autoridades estão a lançar o projecto das Zonas Verdes que, no caso concreto da Beira, serão basicamente orientadas para a produção de arroz, a desenvolver nas terras baixas que cercam a cidade.

«A Beira tem capacidade para produzir 27 mil toneladas de arroz por ano, mas nada produz neste momento», declarava em Outubro o Ministro-Residente em Sofala, situando as necessidades anuais em 24 mil toneladas.

Esta produção deverá ser obtida no decurso dos próximos anos, de

acordo com um projecto da direcção das Zonas Verdes envolvendo o Comité da Cidade, o Conselho Executivo, a Agricultura e a Saúde.

O empreendimento, que substitui o abortado Projecto IR/2, prevê a exploração cooperativa de uma área de cerca de 10 mil hectares, enquadrando a população de vários bairros suburbanos, nomeadamente nas zonas da Munhava, Chota e Vaz.

Para além da cultura do arroz, prevê-se um vasto trabalho de reabilitação do desaguadouro da cidade, para melhorar a evacuação das águas pluviais e o armazenamento das chuvas para irrigação, além de um programa alargado do saneamento do meio por parte dos serviços da Saúde.

Com vista às Zonas Verdes as autoridades da cidade começaram por efectuar um levantamento físico da situação, determinando as zonas disponíveis e suas possibilidades concretas.

Relativamente à produção de hortícolas, foi definido um programa geral para esta próxima campanha, esforçando-se por reabrir à produção um certo número de machambas.

Segundo o responsável de Apoio e Controlo do Conselho Executivo da Beira, este esforço foi no entanto comprometido pelo fraco teor germinativo da semente fornecida pelos serviços de Agricultura.

No entanto, a saída é por ali.

Fornecendo simultaneamente alimento e emprego para a crescente população da Beira, a materialização do projecto das Zonas Verdes constitui uma necessidade vital para a cidade.

Olhando pela escotilha do avião, que descreve uma larga curva ascendente à partida para Maputo, a terra estende-se como um vasto tapete verde em volta da cidade, entre o mar e a vegetação mais densa do interior.

Quando a Beira agarrar nestes pântanos e deles fizer arrozais, não há inimigo que lhe aperte o cinto.